

ARQUIVO

PRIMEIRA VERSÃO

MANOEL TOSTA BERLINCK

DIFUSÃO E CONSTRUÇÃO
SOBRE A HISTÓRIA DA PSICANÁLISE
EM SÃO PAULO, BRASIL

IFCH/UNICAMP
No. 8 - 1990

Primeira Versão é uma nova publicação do IFCH. Destina-se a abrigar aqueles trabalhos de circulação restrita, seja porque são parte de uma pesquisa em andamento, seja por estarem voltados para atividades didáticas, ou ainda, são 'papers' apresentados em reuniões fora do âmbito do Instituto.

Primeira Versão é, portanto, uma publicação predominantemente voltada para a circulação interna; mas, por isso mesmo, pode vir a preencher um papel importante na vida acadêmica e intelectual do IFCH.

Primeira Versão está aberta a todos os professores do Instituto. As propostas de publicação deverão respeitar o limite máximo de 50 páginas e sua tiragem será em torno de 70 exemplares. Os originais devem ser entregues no Setor de Publicações.

Comissão de Publicações

DIFUSÃO E CONSTRUÇÃO* SOBRE A HISTÓRIA DA PSICANÁLISE EM SÃO PAULO, BRASIL

Manoel Tosta Berlinck
Deptº de Ciências Sociais do IFCH

*"Todo sistema de produção é um sistema de
produção de homens."*

Karl Marx

Em 1965, encontrando-me na Universidade de Cornell, em Ithaca, New York, como estudante de doutoramento em Sociologia, travei relações de amizade com Terence Turner, um antropólogo social norte-americano. Turner falava português fluentemente, além de diversas outras línguas e tinha estado durante seis meses entre os Caiapó do norte de Goiás colhendo material para sua tese que versava sobre os mitos daquela tribo

(*) Versão modificada de texto escrito para o Coloquio Franca-Brasil de Psicanálise promovido, no espírito dos Anos Franca-Brasil, pela Maison de l'Amérique Latine e pela Association Freudienne, de 4 a 9 de julho de 1989 em Paris, França. Agradeço as críticas e sugestões formuladas por Ana Verônica Mautner.

Nas tranquilas noites itaqueanas, Terry contava-me fascinantes estórias relacionadas ao tempo que viveu entre os Caiapó.

A seguinte estória retornou de maneira muito vivida à minha memória associada à elaboração deste trabalho.

Quando Terry se preparava para sua viagem aos Caiapó decidiu levar, como presente aos membros da tribo, camisetas da Universidade de Harvard. Lá chegando, distribuiu seu presente que foi muito apreciado. Convivendo com os índios, Terry constatou que no repertório musical da tribo não havia nenhuma canção guerreira. Havia canções cujos temas eram de amor, de amizade, de aventura, mas os Caiapó desconheciam canções que falassem de luta, de guerra. Terry, então, propôs aos membros da tribo uma troca: eles lhe ensinariam suas canções e ele lhes ensinaria uma canção guerreira. Tal proposta provocou entusiasmo entre os índios. E num belo dia, após várias semanas de ensaios, Terry reuniu os aborígenes, todos vestidos com camisetas de Harvard, e arranjando-os como se fossem um coral, ouviu os Caiapó cantarem a Marselhesa.

Nós, então, nos divertíamos imaginando que, muitos anos depois, os Caiapó, tendo cantado muitas e muitas vezes a Marselhesa, seriam visitados por um antropólogo, que poderia até ser francês, que se tornaria famoso ao descobrir que no repertório musical dos Caiapó haveria uma canção guerreira cuja estrutura seria homóloga à da Marselhesa.

Não vou apresentar aqui a cadeia associativa suscitada por tal lembrança. Porém, gostaria de ressaltar que ela tem uma função mítica que me levou a pensar em alguns aspectos da expansão da psicanálise que fazem parte de sua história em São paulo, Brasil.

* * *

A psicanálise é introduzida, na década de 30, em São Paulo, por Durval Marcondes, um médico que lia e se correspondia com Freud, que traduziu para português as Conferências pronunciadas na Universidade de Clark e que reuniu na Escola Livre de Sociologia e Política

de São Paulo, uma organização de ensino e pesquisa fundada em 1933 e que era dirigida por Cyro Berlinck, as primeiras pessoas que, como ele, se interessavam pela psicanálise. Por volta de 1940 veio para São Paulo a Dra. Adelaide Koch, psicanalista alemã formada em medicina pela Universidade de Berlim, com a missão de fazer organizar uma Sociedade que seria filiada à Internacional, bem como formar os primeiros psicanalistas paulistas. A Dra. Adelaide Koch permanece algum tempo como professora visitante da Escola Livre de Sociologia e Política, onde o ensino da psicanálise prossegue até o início da década de 60. É necessário que se diga, entretanto, que a Escola de Sociologia e Política nunca pretendeu formar psicanalistas. Ao contrário, sempre se propôs a educar generalistas que iriam se especializando ao longo de suas vidas profissionais.

Essas vicissitudes da introdução da psicanálise em São Paulo vão marcar sua subsequente história. Assim, ao contrário do que ocorreu em Porto Alegre e no Rio de Janeiro, onde as Sociedades de Psicanálise filiadas à International Psycho-Analytical Association (IPA) admitiam somente médicos em seus quadros, a sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo sempre admitiu bachareis em ciências sociais e em psicologia. Tenho para mim, como hipótese, que essa diferença específica afetou a própria prática da psicanálise em São Paulo. Sou tentado a pensar, com base na minha experiência clínica, que uma psicanálise praticada por não médicos (e aí restaria pensar até que ponto cientistas sociais não são médicos já que, entre eles, frequentemente grassa um furor curandis do sócio) não estaria tão marcada pelas questões do diagnóstico e da cura.

A presença de não-médicos no quadro da Sociedade de Psicanálise de São Paulo talvez seja responsável, também, por uma prática que não dá tanta importância ao diagnóstico psico-patológico e que ressalta a noção de desenvolvimento psíquico, solo fértil para certas idéias de Bion.

Finalmente, mas não menos importante, haveria que se investigar até que ponto o fato de Durval Marcondes não ter se submetido a uma análise pessoal afeta a no-

ção de clínica psicanalítica que predomina entre os psicanalistas da SBPSP.

Nos anos 60 adquire relevância um movimento no sentido da segmentação e da especialização do mercado de trabalho no Brasil. No caso da psicanálise, tal movimento se manifestou pelo menos em dois níveis: seu ensino deixou de ser feito na Escola de Sociologia e Política e passou a ser ministrado no interior da Sociedade. E, assim, a prática passou a ser um assunto cada vez mais privado.

Entretanto, a questão da privacidade (privacy) não foi apenas uma decorrência da segmentação de uma determinada concepção sobre a própria psicanálise.

De fato, na década de 50, pessoas que haviam sido atraídas para a psicanálise por Durval Marcondes foram para a Inglaterra e retornaram ao Brasil com uma transferência britânica.

Creio que três aspectos da prática britânica da psicanálise são particularmente relevantes para o caso de São Paulo e sobre eles gostaria de me referir aqui ainda que brevemente.

Trata-se, em primeiro lugar, de uma prática que se organiza a partir de uma concepção peculiar do enquadre (setting) que, na versão britânica é regido pelas noções de holding e de privacy. De acordo com a psicanálise britânica, os processos mentais são a private matter e o enquadre (setting) psicanalítico deve ser capaz de hold this private matter. Uma psicanálise assim concebida não pode ser, como tem sido na França, um assunto de domínio público. Transgredir esses princípios constitui um delito grave como atesta, por exemplo, o recente caso de M. Masud R. Khan versus The British Psycho-Analytical Society. Um setting assim concebido implica numa internalização do saber psicanalítico para o interior da Sociedade que holds this private matter e a transgressão desse princípio é considerada um ultraje.

Em segundo lugar, a psicanálise britânica se apoia muito firmemente sobre a análise didática, alicerce que na França sofreu o impacto da britadeira crítica lacaniana. Não pretendo me deter aqui nessa diferença. Gostaria, entretanto, de observar que o quadro dos

analistas didatas da British Psycho-Analytical Society é relativamente estável e assegura, junto com o British setting uma importante estabilidade organizacional.

Finalmente, um terceiro elemento que rege a psicanálise inglesa é uma peculiar concepção da transferência que implica numa determinada forma de interpretação. Ora, as concepções tanto de transferência como da interpretação que vigem na França são bastante distintas das prevalentes na Inglaterra. Também aqui não pretendo entrar nessa discussão que, a meu ver, ainda está por ser feita de forma sistemática.

Quero, entretanto, observar que as concepções inglesas do setting, da análise didática e da transferência/interpretação foram levadas para São Paulo no início dos anos 60 e implantadas na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Ora, essa difusão instituiu uma estrutura organizacional que, sendo adequada às condições britânicas talvez não tenham sido tão adequadas assim às condições paulistas. Enquanto a British Psycho-Analytical Society é uma organização relativamente estável, a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo é uma organização britanicamente estável numa sociedade bastante instável. E quando falo de instabilidade não penso em crises políticas. Penso, isso sim, numa sociedade com intenso e persistente crescimento demográfico, acentuado processo de urbanização e uma inserção cultural policentrista, ou seja, não se pode dizer que o Brasil seja culturalmente determinado pela Inglaterra (como é o caso, por exemplo, da Índia) ou pela França (como é o caso, por exemplo, do Senegal) ou pelos Estados Unidos (como é o caso, por exemplo, de Puerto Rico). O Brasil, e especialmente São Paulo, possui uma evidente e extremamente complexa inserção cultural.

A Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo foi a única organização de transmissão até 1976, ou seja, manteve uma situação de monopólio numa sociedade com as características descritas acima. Ora, tal situação produziu uma grande demanda reprimida pela psicanálise (nos dois sentidos que essa frase pode suscitar)

Em 1976 ocorre a diáspora psicanalítica argentina que resulta do terrorismo militarista. Os psicanalistas argentinos que se radicam em São Paulo não irão se organizar em escola de psicanálise. Alguns, entretanto, vão se associar à Regina Chnaiderman e a Roberto Azevedo e vão organizar um programa de transmissão no Instituto "Sedes Sapientiae".

A vinda dos psicanalistas argentinos para São Paulo não provoca só a quebra da situação de monopólio até então vigente. Introduce, também, uma outra psicanálise

Em primeiro lugar e a meu ver, a mais importante diferença entre as duas práticas é que os psicanalistas argentinos trazem um Freud vivo que já havia morrido (ou que talvez nunca tenha nascido) na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) onde vivem intensamente as figuras de Melanie Klein e de Wilfred Bion. Em outras palavras, o Freud vigente na Sociedade de São Paulo é um precursor de Klein e de Bion. Até a vinda dos psicanalistas argentinos (e até hoje) os brasileiros que leem Freud em português, leem alguém que certamente possui um parentesco muito longínquo com um certo Dr. Sigmund Freud, que viveu em Viena e morreu em Londres. Por exemplo (e só dou este exemplo porque, além de ser relevante para o argumento que estou desenvolvendo, não quero ser enfadonho e repetitivo) quando, no Capítulo 2 da Interpretação dos sonhos Freud descreve o sujeito que se observa em contraste com o sujeito que reflete, a tradução brasileira não usa a expressão sujeito, nem mesmo a expressão "se" utilizada por Freud, e sim paciente. Essa troca poderia ser interpretada como mais um desses equívocos de tradução. Afinal, no conhecido e reconhecido Vocabulário de Psicanálise de Laplanche e Pontalis inexistente o verbete "sujeito". Também o índice remissivo preparado para a Standard Edition não apresenta sequer uma vez a expressão "sujeito". Ocorre, entretanto, que o que Freud inaugura na Interpretação dos sonhos não é uma técnica psicoterapêutica mas uma teoria original e especial da subjetividade. De fato, pode-se dizer com tranquilidade que é com A interpretação dos sonhos que a psicanálise deixa de ser uma

psicoterapia da neurose para se preocupar com o sujeito do inconsciente. A tradução brasileira da Interpretação dos sonhos ao traduzir sujeito por paciente reduz a interpretação dos sonhos à mera questão psicoterapêutica e permite que se acredite que o sujeito do inconsciente seja uma invenção de Jacques Lacan.

Os argentinos ignoram a tradução brasileira das Obras completas e leem Freud na péssima tradução espanhola de Lopes-Ballesteros (autorizada por Freud) e, mais recentemente, na relativamente competente tradução de Etcheverry publicada pela Amorrortu, de Buenos Aires. Trazem, também, através de sua prática e das leituras que realizam de Freud, uma clínica onde o silêncio toma o lugar da palavra do psicanalista como atividade a caminho da palavra do analisando. Introduzem, além disso, uma forma de interpretação que não privilegia a referência explícita ao lugar imaginário ocupado pelo analista, mas que estabelece relações implícitas na fala do analisando. Em resumo, há hoje em São Paulo diversos Sigmund Freuds: o que escreve em português, o que escreve em espanhol, o que escreve em inglês e o que escreve em francês. Do que escreve em alemão pouco se fala ainda que recentemente tenha havido esforços no sentido de se produzir traduções do alemão para o português. Finalmente, mas longe de ser menos importante, há um Freud que vem sendo lido com olhos que leram antes os textos de Jacques Lacan. É claro que essas leituras produzem diferentes efeitos e acabam gerando uma crescente complexibilidade no campo que nem sempre se derivam de exigências clínico-teóricas mas decorrem de fatores externos à psicanálise propriamente dita.

Em segundo lugar, psicanalistas argentinos trazem uma leitura de Jacques Lacan que havia sido inaugurada por Oscar Masotta e que rapidamente foi se expandindo em Buenos Aires. A leitura lacaniana que Masotta realiza possui as suas peculiaridades. Talvez a principal se refira ao lugar ocupado pela clínica. Masotta era lingüista, um fantástico professor e uma pessoa que não tinha na clínica o seu principal interesse. Sua leitura de Lacan não se deve, portanto, a uma prática clínica que se funda na experiência com a loucura mas

a exigências de ordem filosóficas e lingüísticas. Ora, essa postura é de tal forma marcante que pode - como no caso de Durval Marcondes - produzir uma influência constitutiva de um estilo de ser psicanalista.

Em terceiro lugar, os psicanalistas argentinos que emigram para São Paulo trazem uma preocupação com as dimensões sócio-políticas da prática psicanalítica que era relativamente desconhecida até então no meio paulista.

Como se sabe, houve em 1971 uma primeira cisão na Asociación Psicoanalítica Argentina (APA) que resultou nos efêmeros porém marcantes grupos Plataforma e Documento. Os psicanalistas que aderiram à Plataforma ou à Documento nunca mais se reuniram numa organização formal ainda que daí tenham saído conhecidos especialistas em grupos e em instituições como, por exemplo, Armando Bauleo, Gregório Baremlitt e Tato Pavlowsky e outros como Fernando O. Ulloa, que mantiveram uma intensa aderência à prática clínica.

Esses profissionais tinham em Pichón-Rivière, Marie Langer e José Bleger ps seus mestres e foi graças a ousadas reflexões e práticas desenvolvidas por esses mestres que se pode pensar uma outra noção de setting.

Assim, Bleger (1977) num trabalho intitulado "psicanálise do enquadramento psicanalítico" observa que:

Uma relação que se prolonga durante anos, com a manutenção de um conjunto de normas ou atitudes, não é outra coisa senão a própria definição de uma instituição. O enquadramento é, portanto, uma instituição, dentro de cujos parâmetros ou no bojo do qual ocorrem fenômenos a que denominamos comportamentos.

O que se tornou evidente para mim, é que cada instituição é uma parte da personalidade do indivíduo. E, como tal, tem tamanha importância que a identidade é sempre - total ou parcialmente - grupal ou institucional, isto é: pelo menos uma parte da identidade é sempre configurada pela pertinência a um grupo, uma instituição, uma ideologia, um partido etc!(p 313)

Cito este trecho do notável artigo de Bleger porque serve para que argumente que é a partir da conjugação dele - com sua vasta experiência clínica - que permite Fernando O. Ulloa pensar o enquadre como parte de uma instituição virtual da psicanálise.

Em outras palavras, a história da psicanálise na Argentina adquire uma especificidade notável pois ao contrário de qualquer das cisões psicanalíticas até então acontecidas, as ocorridas em Buenos Aires não resultam necessariamente no reagrupamento em outras organizações que pretendiam formar psicanalistas.

Ora, essa diferença é fundamental porque, com a insitucionalização formal da psicanálise e com a morte de Freud, houve um deslocamento da questão da transmissão e da autorização que deixou de ser virtual para ser crescentemente formal.

Esse deslocamento, por vez, produziu uma condensação de funestas conseqüências entre instituição virtual e instituição formal de maneira que já não é mais só a instituição virtual criada por Freud a que consitui o psicanalista. Ai, como se sabe, era a análise pessoal, análise de outros, a análise de controle (que é conhecida também por supervisão) e o estudo da literatura psicanalítica que faziam um psicanalista. Nessa nova circunstância, há uma organização corporativa que avoca a si um poder que não tem.

Ressaltando uma relativa autonomia da instituição virtual sobre a formal e dedicando-se à chamada análise institucional que mais é uma análise do instituído, os psicanalistas argentinos proporcionaram, em São Paulo, a possibilidade de uma filiação que não é intermediada tão exclusivamente pela organização formal mas que se dá pela instituição virtual inaugurando, dessa forma, em São Paulo, uma outra psicanálise.

Esse desenvolvimento permite, por um lado, que psicanalistas se empreguem nos sistemas estadual e municipal de saúde, atendendo pessoas da população de baixa renda em ambulatorios, em hospitais estatais, praticando uma psicanálise em grupo e até mesmo individual em situações consideradas ultrajantes para aqueles que praticam a psicanálise ortodoxa de origem inglesa. Aqui gostaria de citar, como um importante

exemplo, o Hospital Dia - "A Casa", que existe em São Paulo há 10 anos, atendendo psicóticos em grupos e individualmente e através de um sistema de acompanhantes terapêuticos.

Dizer que as cisões que resultaram em Plataforma e Documento não foram lacanianas já que não respeitaram o espírito freudiano é no mínimo, introduzir uma confusão insuportável na própria história da psicanálise.

Vista em retrospectiva, a cisão da APA de 1971 que tanta influência teve em São Paulo e no Brasil, talvez pudesse ser entendida como um sintoma da expansão da psicanálise na Argentina.

Os que permaneceram na APA pretendiam o monopólio médico da psicanálise. Não admitiam em seu quadro nem psicólogos nem qualquer outro tipo de profissional que não tivesse cursado uma Faculdade de Medicina. Ora, o crescente número de psicólogos demandava uma formação psicanalítica. Além disso, grupos e organizações vinham, em número também crescente, solicitando os serviços dos psicanalistas - possibilidade que foi inaugurada por Pichón-Rivière, Marie Langer e José Bleger.

Essas novas demandas ameaçavam o monopólio médico que adquiriu um componente conservador.

Plataforma e Documento vêm atender essas novas demandas e, nesse sentido, estão dentro do mais legítimo espírito freudiano ainda que não pretendam se enquadrar no espírito laciano.

Finalmente, o desenvolvimento mais recente desse processo é a paulatina e crescente presença da psicanálise nos meios de comunicação de massa: os jornais, a TV, os livros e as revistas. Tal presença só é possível porque o interesse pela psicanálise em São Paulo e no Brasil já atinge um grande e crescente número de pessoas. Basta lembrar que há hoje em São Paulo cerca de 40.000 psicólogos (e não estou contando aqui nem médicos, nem cientistas sociais, nem filósofos, em número menor porém crescente que demonstram interesse pela psicanálise). Só na cidade de São Paulo há cerca de 20.000 psicólogos. Uma pesquisa recentemente realizada pelo Conselho Regional de Psicologia de São Paulo revelou que um pouco mais da metade dessa população se interessa pela psicanálise. Há hoje, no Brasil, cinco

editoras que se dedicam a publicar sistematicamente livros de psicanálise, além daquelas que também o fazem esporadicamente. Há uma editora - A ESCUTA - que só publica livros de psicanálise. Ela se articula, em São Paulo, a uma Livraria - a PULSIONAL - que é especializada em livros de psicanálise, vendendo aí não só livros e periódicos em português mas também em francês, inglês e em espanhol. Além disso, a Livraria Pulsional publica um Boletim de Novidades mensal com notícias do campo e com novidades bibliográficas nacionais e estrangeiras. O Brasil é hoje o terceiro mercado mundial de psicanálise e, num futuro próximo que talvez já seja presente, será o segundo ficando atrás só dos Estados Unidos. Assim, uma pergunta que se impõe de forma imperiosa refere-se às características desse mercado. Tais características, por sua vez, dependem dos desenvolvimentos ocorridos que são todos recentes e ainda não têm uma incidência generalizada. Assim, o número de autores brasileiros ainda é extremamente pequeno. A Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo apesar de fazer publicar uma revista semestral bastante interessante chamada IDE e apesar de contar com cerca de 400 associados, não desenvolveu ainda uma produção própria representativa de seu tamanho e importância, salvo raras e honrosas exceções que só confirmam a regra. A Revista Brasileira de Psicanálise tem sido uma publicação sem brilho e sem penetração. Porém até mesmo aí as coisas não estão mais estáveis e é possível que, em breve assistamos à transformações importantes.

Outra recente manifestação da dinâmica social da psicanálise em São Paulo é que ela se interioriza. Cidades como Campinas e Ribeirão Preto já possuem respeitável contingente de psicanalistas ainda que em Ribeirão, por exemplo, o pensamento freudo-lacaniano não tenha chegado desde que nesse importante centro urbano só há psicanalistas filiados à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

É claro que esse processo de expansão da psicanálise por ser tão intenso e de dimensões relativamente vastas está longe de poder ser controlado pelas organizações transmissoras. Não só não há mais uma situa-

ção de monopólio como a SBPSP e o Sedes Sapientiae, por exemplo, são estruturalmente incapazes de atender essa demanda.

A prática psicanalítica lacaniana em São Paulo, tendo sido iniciada em 1973 por Durval Cecchinato e, um pouco mais tarde (1974-75) por Luis Carlos Nogueira que, juntos com Jacques Laberge e Ivan Ribeiro, organizaram o Centro de Estudos Freudianos, é relativamente recente e restrita ainda que se encontre em franca expansão e atraia a atenção de muitos jovens. Há, hoje, em São Paulo uma única organização psicanalítica lacaniana de destaque, a Biblioteca Freudiana Brasileira, que se dedica sistematicamente à transmissão. Além disso, há a Escola de Psicanálise de São Paulo que é bastante recente e alguns grupos de restrita incidência como, por exemplo, Che Vuoi? Em outras palavras, ao contrário do que acontece na Bahia, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul onde a psicanálise lacaniana possui uma incidência generalizada, em São Paulo ela é restrita. Assim, até agora, com raríssimas exceções, os intelectuais tradicionais ignoram Lacan. Na Universidade de São Paulo há, tanto quanto eu saiba, dois professores - um em psicologia e outro em literatura - que ensinam Lacan, sendo que um deles é francês. Na Universidade Estadual de Campinas tanto quanto eu tenho notícias só eu, não me considerando um lacaniano, utilizo textos de Lacan em meus cursos para estudantes de Ciências Sociais. Finalmente, na Universidade Estadual Paulista (UNESP), a terceira grande universidade estatal de São Paulo, não tenho notícias de ensino baseado em Lacan.

O pensamento lacaniano vem sendo transmitido na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo de forma um tanto assistemática. Além disso, aqueles que se dedicam ao estudo do pensamento de Lacan contam com as traduções para o português publicadas por Jorge Zahar, que são, de forma geral, muito bem feitas.

Finalmente, gostaria de ressaltar que todos esses desenvolvimentos da psicanálise em São Paulo se deram sem cisões, com exceção do caso do Instituto Sedes Sapientiae onde hoje existem dois cursos. Os desenvolvimentos ocorreram por efeito da transferência, ou seja,

resultam tanto do amor como de neuroses de transferência. Ora, se os desenvolvimentos da psicanálise são produtos tanto do amor como de neuroses de transferências, eles se constituem em sintomas que, por um lado, produzem identidades para os psicanalistas que decorrem de suas experiências pessoais. Mas, por outro lado, impõem um problema para a própria psicanálise: o que implica a dissolução da neurose de transferência neste âmbito?

A meu ver, o que está implicado aqui é a questão da ortodoxia como parte da neurose de transferência e a dissolução desta deveria afetar aquela, tornando-a menos rígida não no sentido da produção de ecletismos mas na possibilidade de se sair do âmbito familiar e se aproximar do semelhante enquanto tal e não como inimigo. Trata-se, assim, de se desenvolver um pensamento do familiar pelas diferenças específicas ao mesmo tempo que se diminui o investimento em ser um bom e obediente filho. Considero essa tarefa o grande desafio atual da psicanálise.

Considero esse um grande desafio porque não estou certo se é possível o desenvolvimento da psicanálise fora da ortodoxia ainda que a considere mortífera para a própria psicanálise. E digo isso porque reconheço que os psicanalistas estão inseridos numa prática que depende exclusivamente do eu para que funcione. Ao contrário das outras atividades humanas que se baseiam em técnicas, instrumentos e organizações para que funcionem a psicanálise prescinde de qualquer instrumento (até mesmo do divã) para o seu exercício. Ora, assim sendo, seria importante que se pensasse qual seria o eu adequado ao psicanalista. Ou, melhor dizendo, em que específica ilusão fundamental de totalidade o psicanalista se baseia para produzir e sustentar o dispositivo psicanalítico? É claro, que, com esta questão, não pretendo reintroduzir o tema da Ego psychology já que não estou supondo a existência de um âmbito do ego-livre-de-conflito nem de um ego-adaptado. Entretanto, não creio que seja possível ignorar que o psicanalista é uma produção que se baseia tanto no amor de transferência como na neurose de transferência. Em outras palavras, o amor e a neurose de transferência

são, junto com o narcisismo, as principais forças que sustentam a psicanálise e o psicanalista. A outra é, evidentemente, a castração, ou seja, o reconhecimento de que o psicanalista não é todo, não é completo, não sabe, ou, como Lacan, ocupa o lugar de um sujeito suposto saber. Mas a castração tem sempre uma conotação de ameaça ao eu enquanto instância íntegra do psiquismo humano e, no caso do psicanalista, freqüentemente se manifesta sob a forma de uma ameaça à sua identidade. Como, então, assegurá-la face às ameaças tanto imaginárias quanto reais que constantemente se fazem presentes ao psicanalista e que provêm, como se sabe, do super-eu, do isso e da realidade?

Costumo dizer aos meus estudantes que quer eles queiram quer não, quando instituem um dispositivo analítico nunca estão sem boas companhias. Quero, com isso, me referir à filiação do psicanalista que, mesmo não sendo organizacional, isto é, referida diretamente à uma organização de transmissão, é institucional na medida em que assegura o seu eu identificado à psicanálise.

Porém, aqui, há que se introduzir a seguinte questão: o eu do psicanalista é idêntico ao eu definido como instância psíquica que administra as demandas mais ou menos exigentes do super-eu, do isso e da realidade? Creio, desde logo, que não. O eu a que me refiro como sendo o do psicanalista, não só está empenhado nessa função administrativa como, também, adquire uma tarefa adicional: a de advir onde o isso era. *Wo Es was soll Ich werden.*

São poucas as caracterizações feitas por Freud sobre esse eu. Há, se bem me lembro, a que formula no capítulo 2 da Interpretação dos sonhos que se acrescenta, mais tarde, com a exigência da análise pessoal com um outro analista, a prática do controle, com a criação da organização formal de transmissão da psicanálise, e, finalmente, com seu texto fundamental sobre Análise terminável e interminável.

Ora, esses cuidados com o eu do psicanalista nos levam a pensar, pelo menos, numa dupla incidência: a prática e a identificação.

Parece que, para que essa identificação se concretize não basta a prática, ou seja, não é suficiente, a não ser em casos excepcionais, que o psicanalista desenvolva sua análise pessoal com um outro psicanalista, sua clínica, sua análise de controle e seus estudos. Essas atividades são indispensáveis para a constituição do eu do psicanalista.

Porém, para que essa constituição se concretize e se sustente há as organizações de transmissão que legitimam a filiação - já que a identificação com essa prática passa pela legitimação que é, por sua natureza, pública - mas que, ao mesmo tempo, proporcionam uma transferência que não faz parte da prática clínica e, portanto, se insere no âmbito do inanalizável. Aliás, talvez fosse correto dizer que quanto mais narcisista for a identificação entre o ser psicanalista e o ser filiado a uma organização de transmissão, maior é a probabilidade de se constituir aí um âmbito do inanalizável. Ora, temos, então, aqui uma situação paradoxal: a mesma organização que possibilita a produção e a sustentação do psicanalista pode ser, e frequentemente é, responsável (mas não responsabilizada) pela manutenção de um âmbito inanalizável que se constitui num verdadeiro limite da e para a psicanálise. O principal sintoma que daí decorre é a ortodoxia como mecanismo de defesa da identidade do psicanalista. Trata-se, na verdade, de um sintoma com ressonâncias perversas na medida que implica na renegação da diferença. Dizer, por exemplo, (e este é só um exemplo já que o mesmo é dito, também por kleinianos, freudianos ou qualquer outro iano do campo), como faz um lacaniano brasileiro que

"Ser laciano é ter pontos de referência, balizas sólidas: os conceitos, os matemas e a álgebra elaboradas por Lacan -... - que introduziu no campo freudiano o espírito científico que falta à Babel a que os pós-freudianos da IPA reduziram o discurso e a clínica de Freud".

é não só transformar o pensamento de Lacan em algo que já não faz mais pensar (pois está tudo solidamente balizado e referenciado) como é, também, um ato de renegação das diferenças científicas que fazem parte do campo da psicanálise.

Aí, no limite, poder-se-ia dizer que o psicanalista já não é mais indispensável na sua própria clínica. Basta a sua filiação. Muito destino para pouco sujeito.

* * *

Configura-se, então, a partir da própria história da psicanálise em São Paulo uma situação que é nova e que, de forma nenhuma, é peculiar de São Paulo: a crescente falta de importância que se dá à clínica tanto na formação como na prática psicanalítica.

A análise pessoal, a análise de pacientes e a supervisão correm o risco de se tornarem sem importância. O importante é o ensino, a reflexão teórico-filosófica, o escrever em revistas e jornais, o participar de conferências, colóquios, mesas redondas e congressos.

As razões para o declínio da importância da clínica na prática do psicanalista são muitas e algumas já foram apontadas.

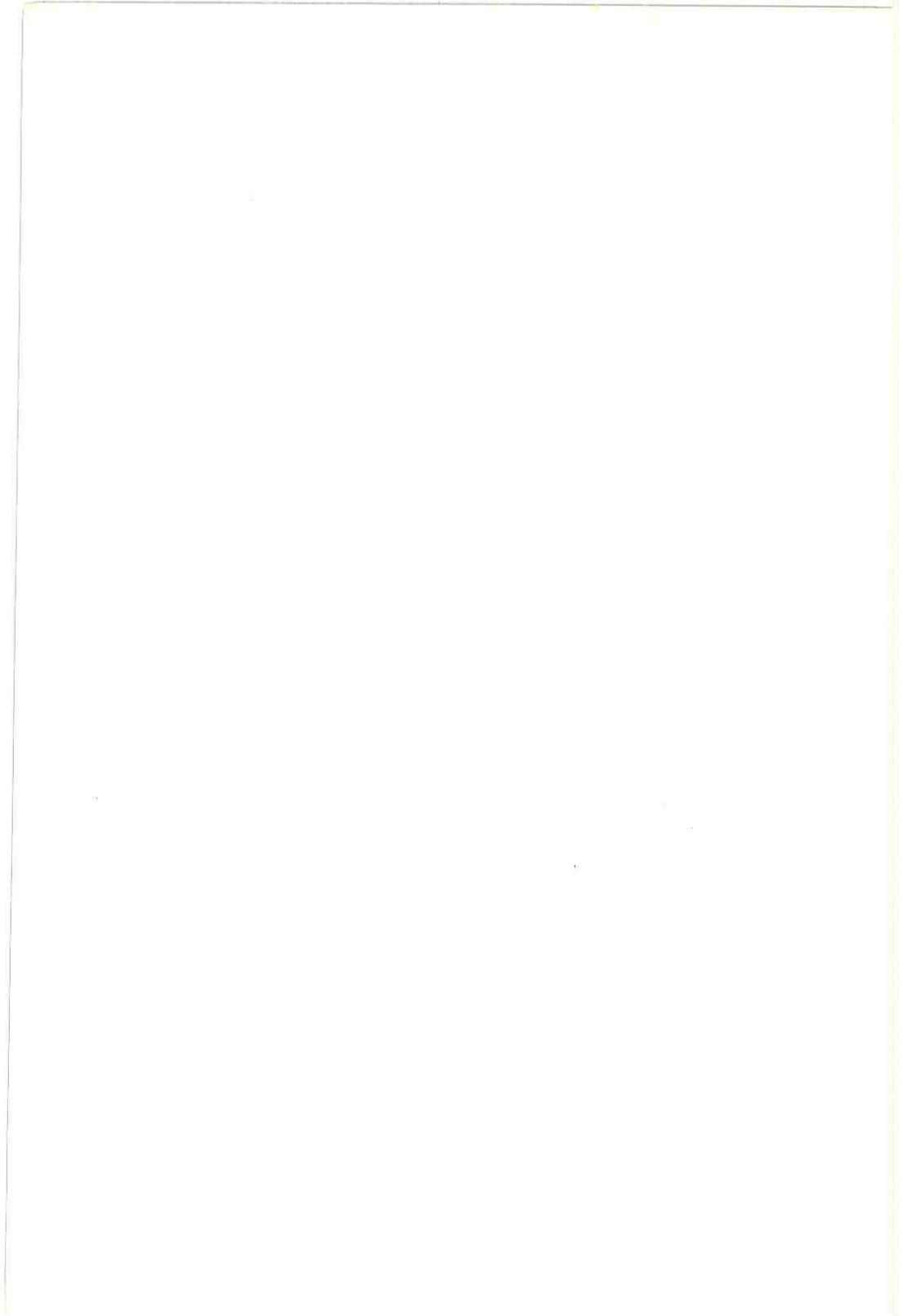
Tenho escutado de diversos psicanalistas que a clínica é pesada, difícil, ingrata, frustrante, etc. Tenho escutado, também, que não há clientes. Outros psicanalistas, com ar mais afortunado, me dizem que preferem trabalhar pouco - um ou dois clientes por semana - porque têm mais o que fazer.

Por outro lado, os eventos psicanalíticos se multiplicam. Uma biografia de Freud de valor duvidoso é, há vários meses, o livro de não-ficção mais vendido no Brasil e não passa uma semana sem que a grande imprensa anuncie espacosamente um livro ou um evento de psicanálise.

Os psicanalistas se multiplicam fantásticamente. É cada vez mais comum ver-se recém-formados com consultórios cuja presença mais conspicua é o divã, quase como se fora um símbolo de status.

Ser a favor ou contra esses fenômenos seria uma estultice. É necessário que eles sejam analisados

Mas, de qualquer forma, é necessário que se diga que é a experiência com a loucura (própria e de outros) que leva à clínica psicanalítica persistente e sistemática que, até recentemente, tem sido a mola mestra e a razão de ser da psicanálise. E, até que se prove o contrário, é a essa prática que o psicanalista deve aderir de forma que ela constitua sua própria identidade.



FICHA TÉCNICA

Comissão de Publicações:

Daniel J. Hogan
Denise Bottmann
Sidney Chalhoub

Publicações:

Mada Penteado
Marilza A. Silva
Aguinaldo R. Dias

Gráfica:

Sebastião Rovaris
Marcos Josué Pereira
Adilson Coimbra

IFCH/UNICAMP

CP 6110 - 13081 - Campinas - SP

Tel.: (0192) 39.1140 / 39.3327

Telex (019) 1150 - Telefax (0192) 39.4717

IMPRESSO
GRÁFICA IFCH

